

Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo.

1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos

Olinda Sardinha*

Resumo

Com a publicação de um conjunto de sete exemplares cerâmicos inéditos, provenientes do Convento de Santa Ana (4 peças) e do Hospital Real de Todos-os-Santos (3 peças), ambos em Lisboa, inicia-se o inventário sistemático das peças de olaria incrustadas com pequenos fragmentos de quartzo, conhecidas por "cerâmicas pedradas", encontradas em Portugal e de cronologias anteriores ao século XX. Espera-se que, aplicando uma metodologia etno-arqueológica, se possa, no final da sequência de notas ora iniciada, dispor de elementos que permitam obter uma maior precisão do que a das fontes tradicionais (documentos escritos e registos iconográficos) quanto a aspectos como centros de produção, origem, expansão geográfica e desenvolvimento até aos nossos dias desta tão peculiar técnica decorativa em cerâmica.

Abstract

With the publication of seven unpublished specimens of ceramic, from the Convento de Santa Ana (4 objects) and of the Hospital Real de Todos-os-Santos (3 objects), both in Lisbon, begins the systematic inventory of the inlaid ware with quartz, generally named «cerâmicas pedradas» found in Portugal and with chronologies before the XX century. We hope that with an ethno-archaeological methodology, we can at the end of these notes, to have material that make possible to obtain a bigger precision than the literary sources (written documents and pictorial representations) concerning elements such as centers of production, origins, geographical diffusion and development at the present time of this so peculiar decorative technic in ceramic.

* Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, 1400 Lisboa.

1. Introdução

Com a presente nota pretende-se dar início à publicação sistemática dos objectos de cerâmica que possuem a técnica decorativa do empedrado, com cronologias anteriores ao século XX, pertencentes ao acervo de algumas instituições portuguesas ou resultantes de escavações arqueológicas recentes.

A cerâmica pedrada, ou mais exactamente a cerâmica decorada com pequenos fragmentos de quartzo branco ou leitoso¹ constitui na actualidade uma interessante e original manifestação da olaria portuguesa, associada às produções dos centros oleiros de Estremoz e Nisa. Quanto à origem e difusão desta técnica decorativa em objectos cerâmicos, hipóteses e dados relevantes propostos, e revelados, sobretudo, por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Vasconcelos, 1921) e Eugénio Lapa Carneiro (Carneiro, 1989) serão objecto de um estudo específico uma vez que muito contribuíram para a investigação nesta área da etno-ceramologia. Os dados obtidos através de escavações arqueológicas recentes, remetem-nos, por enquanto, para algum momento ainda mal definido, situado em finais do século XV (Torres, 1985, p. 294). Pelo recurso às fontes informativas tradicionais, designadamente as referências literárias datadas de entre o segundo e terceiro quartel do século XVI (Carneiro, 1989, p. 10) e os elementos iconográficos caso, por exemplo, de alguns quadros de Josefa de Óbidos, datados respectivamente de 1668, 1660/70 e 1670/80 (Josefa de Óbidos ..., 1991, p. 155, 169, 247), não é possível ser mais preciso. Apenas a análise descritiva e classificação tipológica detalhada de todos os exemplares conhecidos, numa

¹ No dia 3 de Outubro de 1993, fizemos uma entrevista a José Correia, oleiro em Cacheiro, aldeia ribeirinha do Tejo, concelho de Nisa, disse-me que «uns chamam pedrinhas, outros seixos ... este cascalho é de seixo». No ano de 1995, António Pequito, oleiro em Nisa, informou-me a 17 de Março que «o nome dado às pedras é de cascalho ou seixo como lhe chamam os antigos, mas as pessoas formadas dizem que é quartzo ...»; Manuel Sales, que já não exerce a profissão há 30 anos, disse que «... eles é quartzo; o nosso nome era de cascalho. Vamos ao cascalho! Era o nome nosso, não é o nome dele próprio». A 6 de Julho, Mário Lagartinho, oleiro em Estremoz designou os elementos incrustados de «pedrinhas».

perspectiva etno-arqueológica, pode talvez permitir maior precisão, assim contribuindo para melhor definir a origem, difusão e desenvolvimento, assim como os centros de produção, até aos nossos dias, desta técnica decorativa em cerâmica. Colocados na posição favorável que nos permite estabelecer a ligação entre arqueólogos, historiadores e etnólogos, pareceu-nos possível e desejável empreender uma tal via de pesquisa, tentando assim contribuir para um mais rigoroso conhecimento da cerâmica pedrada.

Do ponto de vista metodológico, assinala-se que a necessidade de serem descritos e comparados objectos provenientes de origens bastante diversas, conduziu-nos à definição de alguns critérios de base: o estudo por áreas de repartição geográfica e, dentro delas, por núcleos uniformes, decorrentes da sua procedência. Espera-se, assim, que pela acumulação de observações parcelares, orientadas numa mesma perspectiva de análise, se possa chegar a determinadas conclusões globais, a extrair no final da sucessão das notas ora iniciadas.

Nestes termos, elaborou-se um questionário que segue, na quase totalidade, os elementos constantes do modelo de ficha de inventário de cerâmica elaborada por Eugénio da Lapa Carneiro e já utilizada em anterior comunicação apresentada ao colóquio sobre "História da Cerâmica Portuguesa Moderna", realizado nas Caldas da Rainha, em Fevereiro de 1996 (no prelo). Dela fazem designadamente parte, aspectos relacionados com a caracterização das pedras utilizadas (apuramento, definido como o "acto de joeirar e escolher as pedrinhas segundo as suas dimensões" (Carneiro, 1989, p. 5), dimensões e calibragem; a técnica de incrustação (pedras bem ou mal enterradas nas espessuras das paredes, ou seja, nas superfícies externas ou internas, ou em acrescentos de pasta, isto é, relevos apostos sobre as paredes); a sua presença apenas vestigial, quando mais não subsistem do que as marcas deixadas depois de terem caído, marcas que se identificam pelo sinal () ou «vestígios»; a quantificação dos elementos incrustados (número ou números, separados pelo sinal /, que significa a separação entre as faces da peça); assim como os locais (pé, bojo, colo, bordo, aba, fundo, asas, indeterminado) e motivos decorativos (pedras isoladas, conjunto de fiadas horizontais ou/e verticais, triângulos, circunferências, etc.) em que se inserem, etc.

Por questões de facilidade de acesso e condições arqueologicamente controladas da sua proveniência, apresentam-se nesta primeira nota os núcleos de peças pedradas provenientes do Convento de Santa Ana, actualmente pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia, e Hospital Real de Todos-os-Santos, depositadas no Museu da Cidade, de Lisboa².

² Relativamente ao Museu Arqueológico do Carmo, não foi possível concluir o estudo de 6 objectos do seu acervo, em virtude de se encontrar embalado, por aí decorrerem trabalhos de consolidação da igreja do Carmo (Lisboa).

2. A colecção do Convento de Santa Ana

2.1. Sinopse histórica

Sob os auspícios da rainha D. Catarina, mulher de D. João III, em 1561 foi mandado construir, no sítio de Sant'Ana, um mosteiro de religiosas terceiras - inicialmente com 24 freiras -, que professavam segundo a regra de S. Francisco.

De entre alguns aspectos relacionados com a vida conventual enumeram-se a doação de D. Sebastião, a título perpétuo, de 5\$000 réis anuais ao físico do convento e a de Filipe II, no montante de 25\$000 réis, também anual, para a respectiva botica.

Em 1897 teve início a sua demolição para aí ser construído o Instituto Bacteriológico de Lisboa, actual Instituto de Câmara Pestana, localizado nas proximidades do Campo de Santana ou Campo dos Mártires da Pátria.

Da escavação realizada na área da cerca do convento, foram enviadas ao então «Museu Etnológico Português», pelo Dr. Romano Folque, director das Obras Públicas, 218 peças, conjunto constituído sobretudo por objectos de barro e faiança, conforme relação - datada de 1 de Junho de 1897, guia 110, livro 81 -, da «Direcção Especial de Edifícios Públicos e Pharoës», entidade responsável por esta intervenção arqueológica.

Desta listagem enumeram-se «17 tachos, 36 pucaros, 11 tigelas, 8 tigelinhas, 5 botijas com duas asas, 22 tampas, 18 testos, 1 perfumador», etc., e 66 exemplares de «louça nacional», tais como «37 covilhetes, 11 boiões, 2 tigellas, 1 floreira, 1 caneca», etc. Incluem-se ainda outras peças, de que se enumeram três lápides com inscrições, duas delas datadas de 1739 e 1751. No ano seguinte, e com data de 21 de Abril, foram remetidos mais 84 espécimes, destacando-se «pucaros, testos, tigelas pequenas, vasos, moedas de cobre, escudetes de ferro», etc.

Desta escavação, existe um documento manuscrito por José Leite de Vasconcelos que pouco nos elucida acerca da localização dos achados, assim como respectivos contextos.

Mais tarde, na obra «História do Museu Etnológico Português», Leite de Vasconcelos refere-se, na generalidade a estes últimos objectos, afirmando que «assemelham-se não só às que José Queiroz (*Cerâmica Portuguesa*, Lisboa, 1907) dá como dos sécs. XVI e XVII, mas a vários de Évora, e lembram acaso vasilhas romanas, no tamanho e na forma; outras datarão do sec. XVIII.» (Vasconcellos, 1915, p. 247). Dos 64 objectos de faiança - núcleo estudado por Isabel Aguiar - contam-se, além de pratos, cadinhos e boiões de pomada, datados dos séculos XVII-XVIII, como mais significativos os seguintes:

- século XVII: uma caneca, três pratos e quatro tampas.
- séculos XVII-XVIII: duas tampas de terrina.
- séculos XVIII: uma floreira e uma tampa pequena de porcelana.

Relativamente ao outro espólio cerâmico, no total de 113 espécimes, um estudo realizado somente a partir de bibliografia arqueológica disponível (uma vez que não existem elementos específicos que contextualizem estes objectos) permitiu estabelecer alguns paralelos relativos à sua tipologia e dados cronológicos.

Assim, algumas tigelas e barris apresentam paralelos às do convento de S. Domingos, Montemor-o-Novo, espólio datado do século XVI (Ribeiro, 1984, figs. 12 e 25); duas taças em forma de «açafate», alguns púcaros e caçoilas, são muito semelhantes aos do Hospital Real de Todos-os-Santos, com cronologia dos séculos XVII ou XVI-XVII (Moita, 1964, p. 98; 1965, est. XXIV, 207; Hospital ..., 1993, p. 92, cat. 119, p. 92, 93 e 96, cat. 153) e quatro taças, duas com bordo e bojo ondulados, são muito análogas a três do Convento de Santa Clara, Moura, datáveis do século XVII (Rego e Macias, 1993, p. 151 e 152).

Deste vasto e variado conjunto cerâmico, contam-se os quatro objectos, únicos exemplares que apresentam a técnica decorativa do empedrado.

Perante a cronologia do conjunto onde se integram, é razoável admitir que a datação dos quatro objectos cerâmicos incrustados, seja, igualmente, do século XVII³.

2.2. Catálogo

1 – DESIGNAÇÃO: infusa (figs. 1 a 3).

N.º DE INVENTÁRIO: 6935.

DIMENSÕES: altura: 27,5 cm; largura: 17 cm; diâmetro da base: 8 cm.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: quebrada no gargalo e parte do colo.

COR: castanha avermelhada; 2.5 Y R 6/6, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, escolhidas.

incrustação: na espessura das paredes e acrescentos de pasta.

ÁREAS PEDRADAS: superfície externa do bojo, colo e asa.

MOTIVOS:

pedra isolada:

no bojo: uma, junto à inserção inferior da asa.

fiadas horizontais:

no colo: três pedras alternando com os dois relevos acrescentados que o objecto actualmente possui.

no bojo: canelura superior: agrupadas duas a duas: 8/9. Total: 17.

limite superior dos relevos acrescentados: 5/5. Total: 10.

limite inferior dos relevos acrescentados: 4/4. Total: 8.

canelura inferior: agrupadas duas a duas: 12/12. Total: 24.

fiada vertical:

na asa: 6 pedras, interrompidas por dois relevos acrescentados; «vestígio»: 1.

triângulos:

no bojo: 3, intercalando com alguns dos relevos acrescentados. Total: 9.

circunferências:

no colo: 2, que contornam os relevos acrescentados: 5 (1) / 8 (1). Total: 13; «vestígios»: 2.

no bojo: 5, que contornam os relevos acrescentados: 14+13 / 14+12+11 (1). Total : 64; «vestígio»: 1.

³ Na comunicação apresentada no colóquio «História da Cerâmica Portuguesa Moderna», subordinada ao título «Notícia sobre as peças pedradas do galeão *San Diego* (1600)», mencionou-se o período cronológico século XVII e XVIII como datação provável dos objectos pedrados do Convento de Santa Ana, em virtude de até essa data só ter sido estudado o seu núcleo de faiança.

TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

relevos acrescentados: em forma de botão e de medalha; total 9; em todos foram embutidas desordenadamente esquirolas e pedras de diminuto calibre.

na asa: 2, com diâmetro de 2 cm.

no colo: 2, com diâmetro de 2,5 cm.

no bojo: 5, com diâmetro de 3 a 3,5 cm.

engobe: presente em toda a extensão de ambas as superfícies (interna e externa).

incisões:

na asa: traços.

no colo e bojo: traços, pares de semicircunferências concêntricas e elementos foliáceos.

OBSERVAÇÕES: Apresenta 155 pedras incrustadas e somente «vestígios» de 4.

As pedras de maior calibre foram incrustadas na asa e nos contornos dos relevos acrescentados do bojo.

A conjugação das áreas pedradas, circunscrita uniformemente a motivos diversos, como fiadas, triângulos e circunferências, a intenção em terem sido embutidas pedras de maior calibre na asa e contorno dos cinco relevos acrescentados do bojo, os diferentes diâmetros destes relevos que figuram na asa, colo e bojo, e a sua associação às áreas incisas, elucida-nos acerca da existência de uma simetria e equilíbrio na feitura deste objecto.

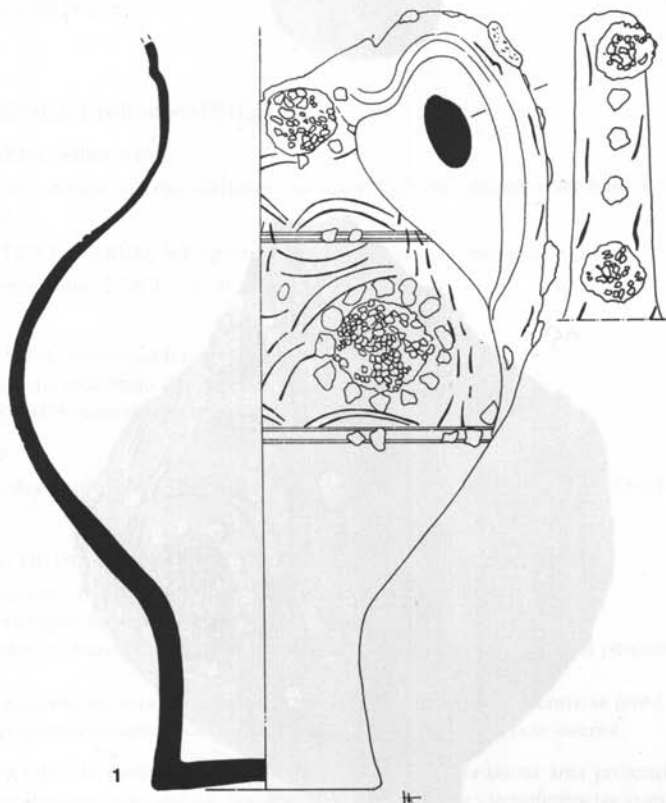




Fig. 1 – Infusa.



Fig. 2 – Pormenor do bojo e da asa.



Fig. 3 – Pormenor do bojo.

2 – DESIGNAÇÃO: palmatória (?) (figs. 4 a 6).

N.º DE INVENTÁRIO: 943.

DIMENSÕES: altura: 9,2 cm; diâmetro da boca: 15,6 cm; diâmetro da base: 4,5 cm; diâmetro do orifício: 2 cm.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: apresenta somente uma asa; vestígio da outra.

COR: avermelhada: 2.5 Y R 5/6, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, escolhidas.

incrustação: na espessura das paredes.

ÁREA PEDRADA: superfície interna do bojo.

MOTIVOS:

fiadas no bojo: três fiadas que formam circunferências concêntricas: 20 (1)+21+17. Total: 58; vestígio: 1.

TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

engobe: presente na superfície interna.

brunido: vestígios na superfície externa.

amolgadelas: na superfície externa, resultantes da pressão ao colocar os pequenos fragmentos de quartzo.

incisões: somente na superfície interna: duas circunferências concêntricas junto ao orifício; no fundo: dois heptágonos concêntricos; traços na restante área da superfície interna.

OBSERVAÇÕES: As pedras de menor calibre foram incrustadas na área próxima do bordo, no total de 17, que alternam com traços. Seguem-se duas fiadas de circunferências com 41 elementos; estes, incrustados nas partes relevadas das amolgadelas, originaram na superfície externa a colocação de elementos plásticos em forma de pequeno botão.

Assim, neste objecto eventualmente com função decorativa, destaca-se, ainda na superfície externa, uma moldura constituída pela composição decorativa mencionada.

Na superfície interna, ao centro, regista-se uma abertura com seis golpes, observando-se, também, a área empedrada que, alternando com as amolgadelas, simulam um conjunto de superfícies onduladas.

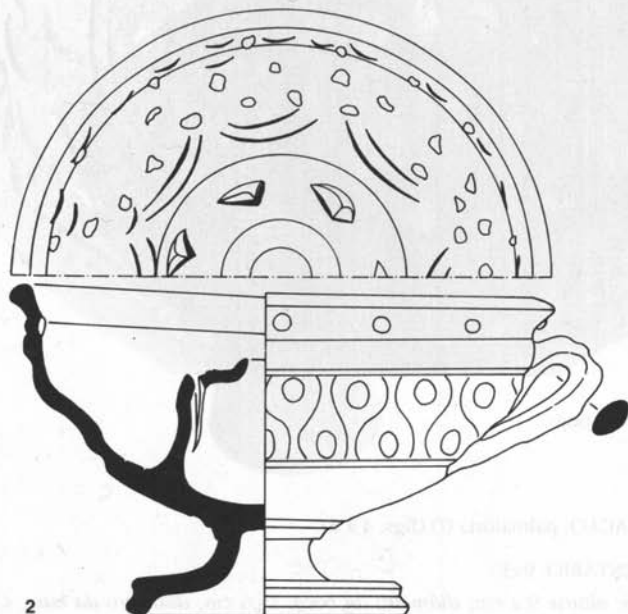


Fig. 4 – Palmatória (?).



Fig. 5 – Palmatória (?).

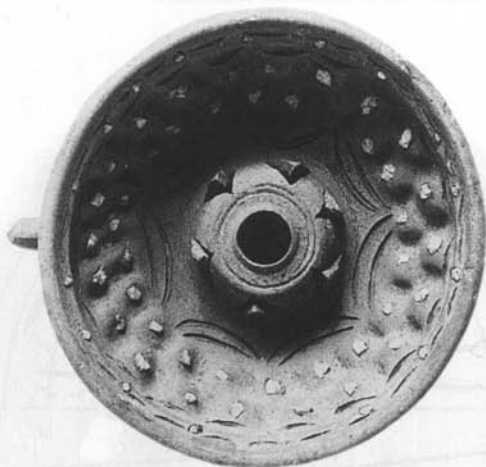


Fig. 6 – Superfície interna.

3 - DESIGNAÇÃO: tacinha (figs. 7 e 8).

N.º DE INVENTÁRIO: 924.

DIMENSÕES: altura: 4 cm; diâmetro da boca: 8,5 cm; diâmetro da base: 4 cm.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: falhas na boca e base.

COR: castanha avermelhada; 2,5 Y R 6/6, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, escolhidas.

incrustação: na espessura das paredes.

ÁREA PEDRADA: superfície interna do bojo.

MOTIVOS:

fiada horizontal: 5 pedras; «vestígios»: 3.

fiadas verticais: 5, com dois elementos cada uma. Total: 6; «vestígios»: 4.

triângulo: contorno; «vestígios»: 2.

TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

engobe: presente em toda a extensão de ambas as superfícies (interna e externa).

amolgadelas: na superfície externa, resultantes da pressão ao colocar as pedras, cuja colocação é reforçada por elementos plásticos em forma de pequeno botão.

incisões: reticulados e semicircunferências.

OBSERVAÇÕES: Taça modelada por construção.

Apresenta 12 pequenos fragmentos incrustados e «vestígios» de 9. Apesar de possuírem calibres muito diferentes, as que constituem a fiada horizontal têm menor calibre.

Na superfície externa, a zona da moldura, à semelhança do objecto anterior, é formada por amolgadelas e aplicações plásticas em forma de pequeno botão.

As fiadas verticais alternam com os elementos reticulados.

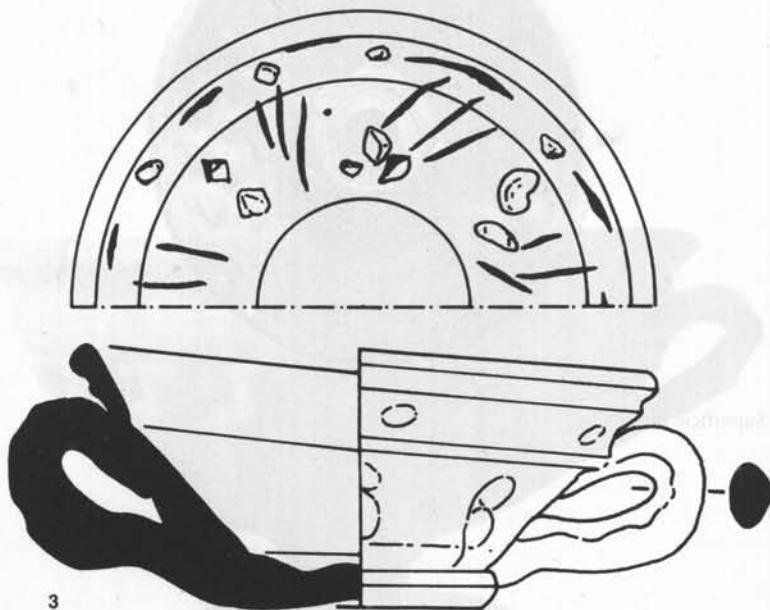




Fig. 7 – Tacinha.

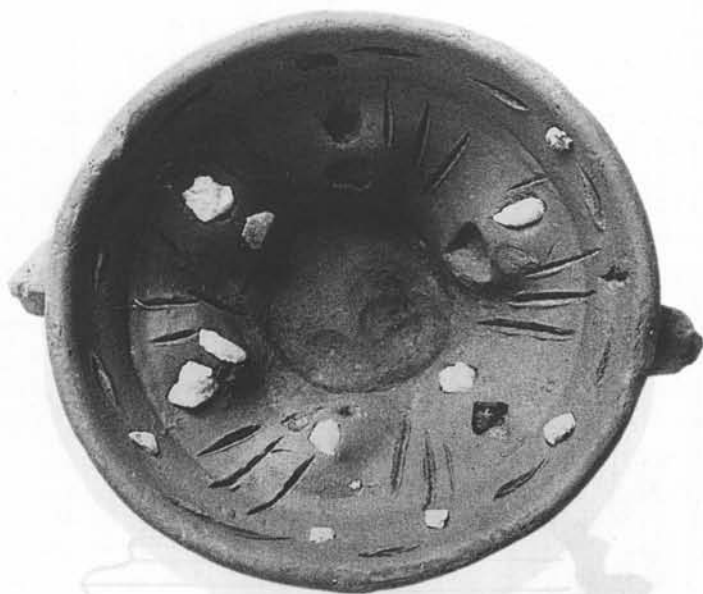


Fig. 8 – Superfície interna.

4 - DESIGNAÇÃO: tampa (figs. 9 e 10).

N.º DE INVENTÁRIO: 916.

DIMENSÕES: altura: 5 cm; diâmetro: 8,5 cm.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: esbotada na aba; não apresenta remate.

COR: avermelhada; 2.5 Y R 6/6, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, misturadas.

incrustação: na espessura das paredes.

ÁREAS PEDRADAS: superfície externa.

MOTIVOS:

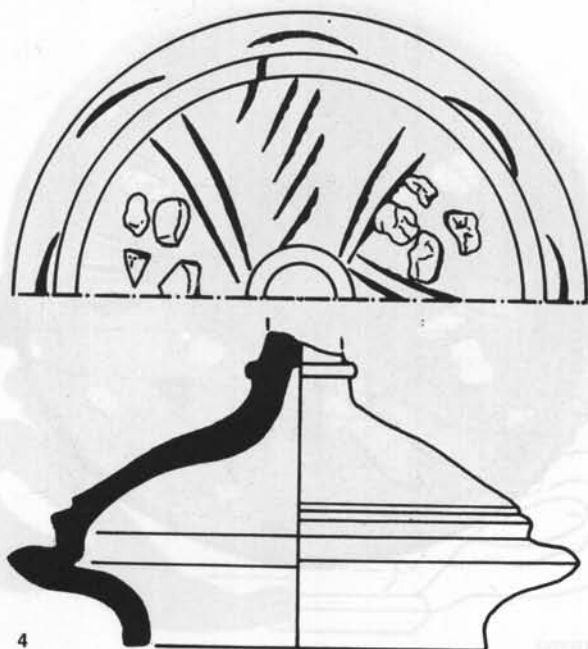
quadrados: três. Total: 12 pedras. Não apresenta vestígios.

TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

engobe: presente em toda a extensão de ambas as superfícies (interna e externa).

incisões: reticulados e semicircunferências.

OBSERVAÇÕES: Verifica-se uma simetria na disposição dos elementos decorativos, em virtude das pedras alternarem com os elementos geométricos.



4



Fig. 9 – Tampa.



Fig. 10 – Tampa.

3. A colecção do Hospital Real de Todos-os-Santos

3.1. Sinopse histórica

O Hospital Real de Todos-os-Santos foi mandado construir por D. João II, e em 1501 apesar de não estar concluído, já se encontrava em funcionamento.

Sendo um estabelecimento hospitalar de grande envergadura para a época, ao longo da sua existência - demolido após o terramoto de 1755 - usufruiu de várias obras de ampliação e remodelação, possuindo igreja, várias enfermarias para homens e mulheres, áreas residenciais para algum pessoal administrativo, como é o caso do Provedor, do escrivão, do vedor, etc., pessoal médico e técnico, quartos para doentes de estratos sociais elevados, assim como serviços administrativos, cozinhas, refeitórios, etc.

Quando em Julho de 1960 se realizavam as obras da estação Rossio do Metropolitano, foram encontrados elementos arquitectónicos e materiais cerâmicos pertencentes a este hospital, tendo daí decorrido uma escavação arqueológica de emergência - 22 de Agosto a 24 de Setembro - sob a orientação científica de Irisalva Moita.

Na área escavada correspondente a cerca de 1/4 das ruínas do Hospital, foram encontradas estruturas relativas a paredes, bases de coluna, capitéis, painéis de azulejos, objectos de metal, moedas e um número e variado espólio cerâmico, formado por pequenos fragmentos de porcelana, faiança e objectos de barro. Neste incluem-se tigelas, malgas, pratos, alguidares, etc., exemplares que seguem «padrões que pouco se têm alterado e se continuam a encontrar na cerâmica popular» (Moita, 1966, p. 98), bilhas de barro vidrado para azeite, um pote, tendo sido encontrados numa fossa, alguns púcaros «muito em uso entre nós nos séculos XVI e XVII e que possivelmente seriam fabricados nas olarias de Estremoz» (Moita, 1966, p. 98), um vaso em forma de «açafate», assim como tigelas e pequenos alguidares. Os objectos de faiança apresentam cronologia compreendida entre a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII (Moita, 1964, p. 97).

De entre as peças de cerâmica constantes do catálogo alusivo à exposição «Hospital Real de Todos-os-Santos / 500 anos», realizada em 1993 no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, em Lisboa contam-se algumas peças de faiança e outras consideradas «louça de cozinha», de que se destacam as seguintes:

- século XVI: um prato raso;
- séculos XVI-XVII: cinco pratos rasos;
- século XVII: dois pratos rasos, duas tigelas e um prato fundo;
- séculos XVII-XVIII: cinco pratos rasos, duas tigelas, um jarrinho e uma escudela;

Quanto às «louças de cozinha», destacam-se:

- século XVI-XVII: onze tigelas, seis púcaros, três panelas, uma escudela, uma talha, uma frigideira, uma caçoila, uma bilha de suspensão e uma taça em forma de «açafate».
- século XVI-XVIII: nove pequenos testos.
- século XVIII: quatro alcatruzes.

Finalmente, no catálogo da exposição «Lisboa Subterrânea», realizada, em 1994, no Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito das actividades de «Lisboa Capital Europeia de Cultura», figuraram sete objectos presentes na exposição realizada no M.R.B.P., destacando-se, um alguidar, vidrado a verde com datação provável do século XVIII.

Assim, perante uma cronologia que incide principalmente nos séculos XVI e XVII, propõe-se que a cronologia dos objectos que se seguem seja do século XVII.

3.2. Catálogo

5 – DESIGNAÇÃO: fundo de vaso não identificado, fragmento (figs. 11 a 13).

N.º DE INVENTÁRIO: ARQ/HRTS/250.

COR: vermelha acastanhada; 10 R, 4/8, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, escolhidas.

incrustação: na espessura das paredes; um acrescento de pasta.

ÁREAS PEDRADAS: superfície interna do fundo e bojo.

MOTIVOS:

triângulos:

no bojo: 11, tendo cada um, 15 pedras a cheio, do mesmo calibre; um triângulo incompleto em virtude de ser uma região fragmentada.

Fracções de motivos não identificados no fundo: na parte central e na área junto aos triângulos, pequenos fragmentos enchem esta área que faz a transição para a bossa; aqui, fragmentos mal enterrados e de maior granulometria foram colocados; os espaços entre eles são preenchidos por pedrado muito fino.

TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

relevo acrescentado: em forma de bossa, onde foram embutidas as pedras de maior e menor calibre.

engobe: presente em toda a superfície interna.

brunido: presente em toda a superfície externa e nas zonas que não apresentam decoração.

incisões: triângulos que envolvem os triângulos incrustados.

picotado: nas áreas que alternam com os triângulos pedrados.

OBSERVAÇÕES: No acrescento de pasta em forma de bossa - fragmentado na parte central - foram incrustadas 37 pedras, intencionalmente mal enterradas, havendo «vestígios» de 16; o espaço restante está recoberto de pedras de diminuto calibre.

Na área pedrada envolvente aparecem 11 triângulos formados por 15 pedras cada um, e outras que são o que restam de um motivo indeterminado em virtude de serem áreas fragmentadas. Entre o pedrado, triângulos incisivos, faixas de picotado e orifícios circulares invadem os espaços não pedrados.

Assim, esta face repleta de pedras muito seleccionadas, relacionadas com outros motivos decorativos, revela uma perícia e destreza acentuadas na selecção e colocação dos fragmentos incrustados⁴.

⁴ A propósito das diferenças de calibre das pedras, recordo mais uma vez, parte das entrevistas havidas com Manuel Sales e António Pequito. O primeiro disse-me que o seu mestre só pedrava «pedra grossa» e que ele só a partir de 1950 começou a pedrar com «pedras miudinhas». Quanto a António Pequito, hoje com 54 anos, utiliza três crivos para a selecção dos cascalhos, a saber «um, com a pedra grossa, outro com a pedra de 2.ª e outro com a pedra miúda, que é a pedra de primeira».

Enquanto a maioria dos objetos de cerâmica produzidos no Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito das actividades de trabalho, foram produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

Assim, para além dos objetos produzidos em cerâmica, foram produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

Quando se trata de objetos produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

Metropolitano, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

Nasceram, assim, alguns objetos produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

foram, assim, alguns objetos produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

produziram, assim, alguns objetos produzidos em cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

Quanto à produção de cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

Quanto à produção de cerâmica, alguns objetos produzidos em cerâmica foram produzidos em cerâmica.

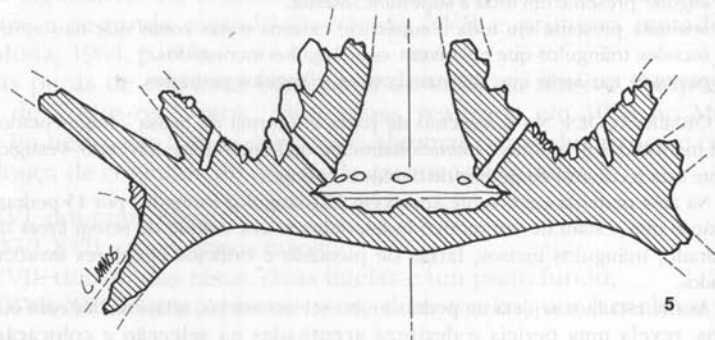
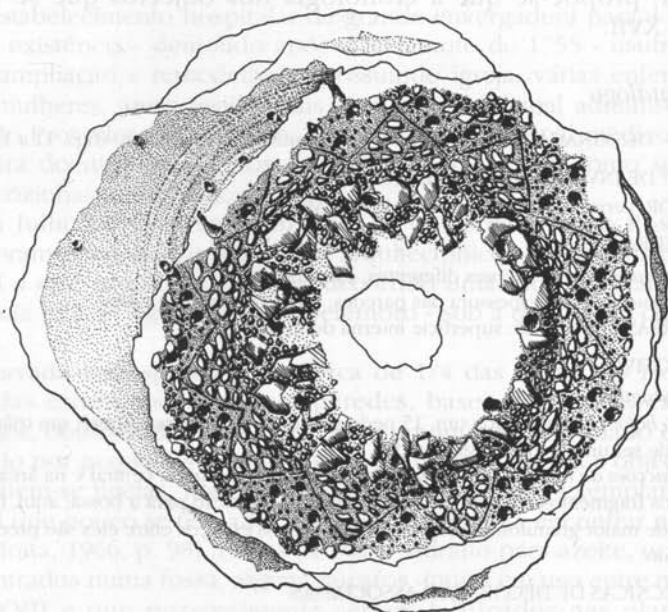




Fig. 11 – Fundo de vaso não identificado, fragmento.

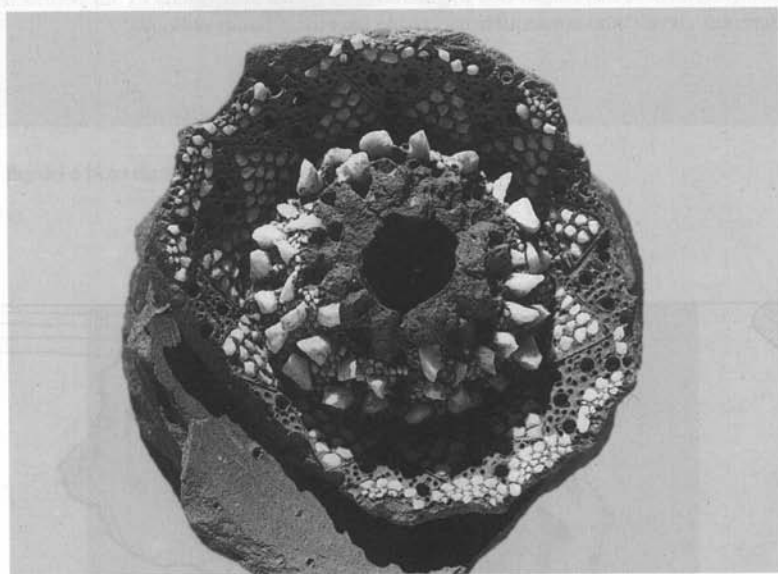


Fig. 12 – Superfície interna.

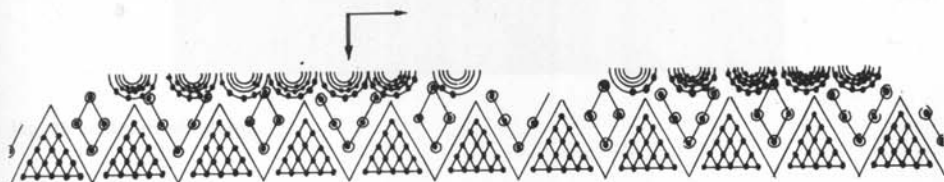


Fig. 13 – Pormenor.

6 – DESIGNAÇÃO: bordo e bojo de vaso, fragmento (figs. 14 e 15).

N.º DE INVENTÁRIO: ARQ/HRTS/251.

COR: acastanhada; 5 YR-7/8, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, misturadas.

incrustação: na espessura das paredes.

ÁREAS PEDRADAS: superfície externa do bojo.

MOTIVOS:

fiadas horizontais:

no bojo: conjunto de 5 fiadas. Total: 13; «vestígios»: 2.

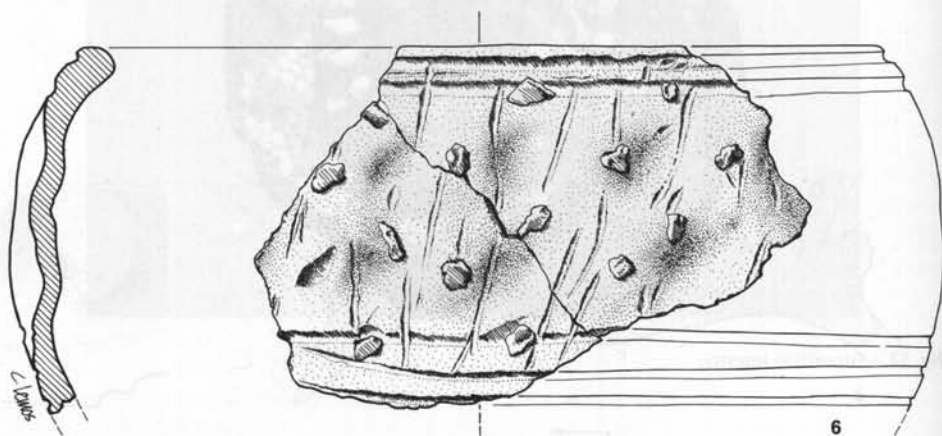
TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

engobe: presente em toda a extensão de ambas as superfícies (interna e externa).

amolgadelas: intercalando com as incrustações.

incisões: reticulados.

OBSERVAÇÕES: A disposição dos fragmentos nas fiadas horizontais - com pedras de calibres muito diferentes - teve como consequência o aparecimento de fiadas oblíquas.



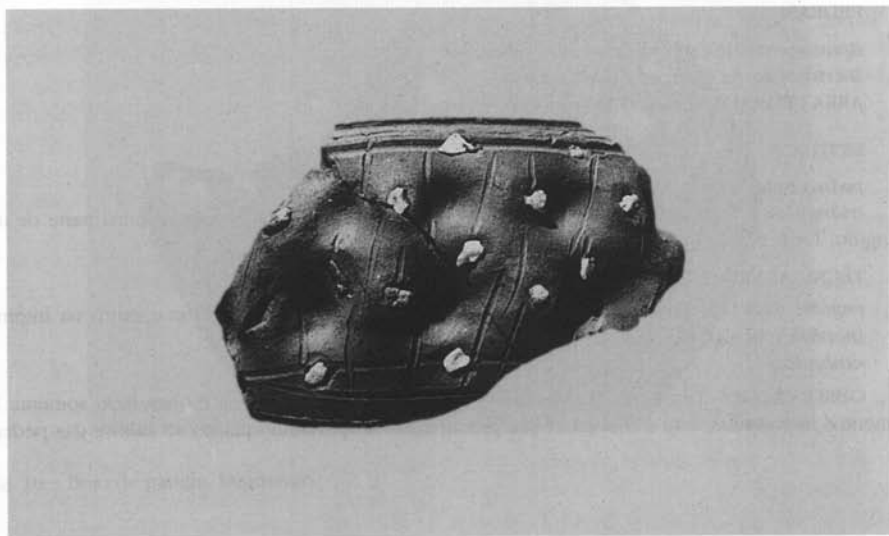


Fig. 14 – Bordo e bojo de vaso, fragmento.

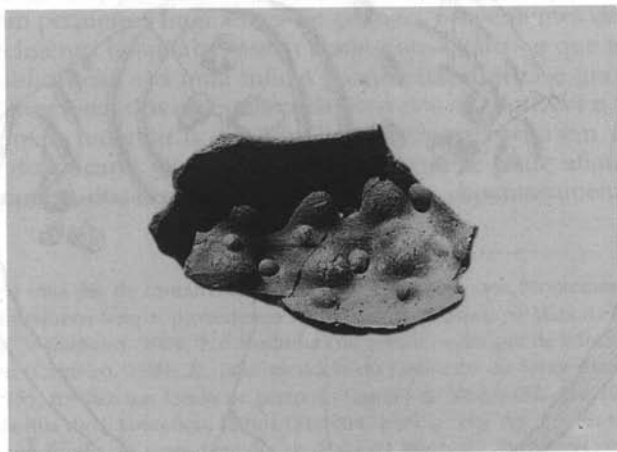


Fig. 15 – Superfície interna.

7 – DESIGNAÇÃO: bojo de panela, fragmento (fig. 16).

N.º DE INVENTÁRIO: ARQ/HRTS/176.

COR: avermelhada; 5 YR, Munsell.

PEDRAS:

apuramento: de calibres diferentes, misturadas.

incrustação: na espessura das paredes.

ÁREA PEDRADA: superfície externa do bojo.

MOTIVOS:

pedras isoladas:

triângulos: actualmente 2; no entanto existiam 3 porque um dos «vestígios» fazia parte de um triângulo. Total: 8; «vestígios»: 2.

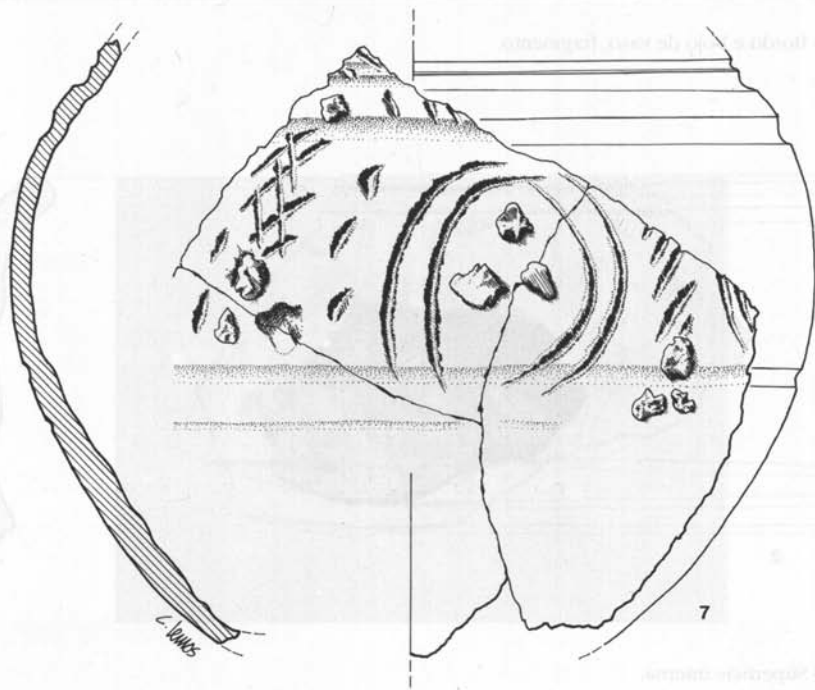
TÉCNICAS DE DECORAÇÃO ASSOCIADAS:

engobe: dois tipos bem demarcados; um em parte da superfície externa e outro na interna.

incisões: reticulados e semicircunferências.

«unbadas»

OBSERVAÇÕES: Tendo em consideração os outros seis exemplares, e possuindo somente 12 elementos incrustados, este é o objecto que possui maior disparidade quanto ao calibre das pedras.



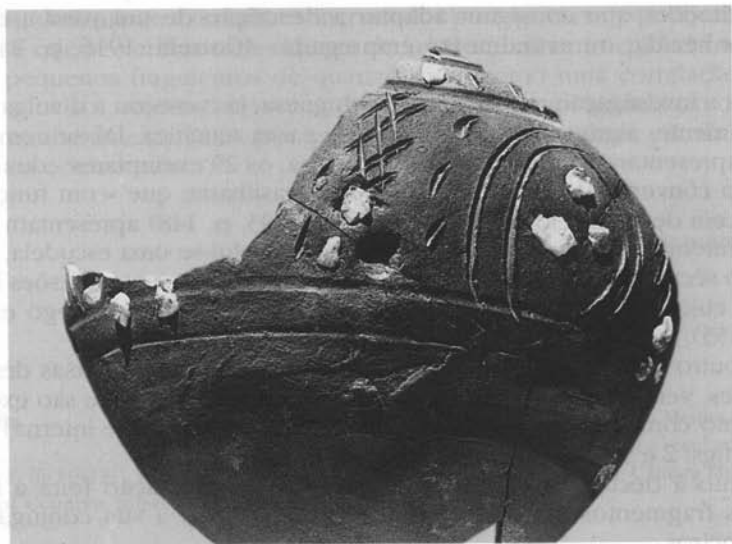


Fig. 16 – Bojo de panela, fragmento.

4. Conclusão

Em linhas gerais, podemos afirmar que estes sete espécimes cerâmicos incrustados com pequenos fragmentos de quartzo, provenientes de um convento e um estabelecimento hospitalar, assim como outros oito - e que tenha conhecimento -, já publicados⁵ são uma ínfima parcela da riqueza e grande variedade morfológica e funcional dos objectos cerâmicos dos séculos XVI e XVII.

Não é de mais recordar o que Virgílio Correia escreveu em 1915, a propósito da forma do púcaro: «Nada porém de positivo se pode afiançar, porque a produção cerâmica dos séculos XVI e XVII foi tão espantosamente variada que

⁵ Refiro-me a uma pia de cântaros do Convento de S. Domingos, Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984, fig. 8), uma pequena tampa, proveniente de um forno cerâmico na Mata da Machada, Barreiro (Torres, 1985, fig. 3; Carneiro, 1989, 1 e Sardinha (no prelo), outra pia de cântaros do Castelo de Montemor-o-Novo (Carneiro, 1989, 2), uma escudela do Convento de Santa Clara, Moura (Rego e Macias (1993, p. 155, n.º 18), um fundo de prato do Castelo de Moura (Macias, 1994, fig. 22), outra pequena tampa da Rua de S. Lourenço, Lisboa (Ferreira, 1995, p. 160, fig. 1) uma taça (Amaro, 1995, p. 43, cat. 93) e um fundo de vaso, também da Mata da Machada, Barreiro (Sardinha, no prelo).

Quanto a publicações estrangeiras, e, limitando o campo de observação a países europeus, mencionam-se os objectos provenientes de escavações arqueológicas realizadas em Amesterdão (informação de Michiel Bartels) e Antuérpia (Veeckman, 1994, p. 10, fig. 1, n.º 10) e nalgumas cidades espanholas, destacando-se os objectos provenientes de escavações realizadas no mosteiro de San Benito, em Valladolid (Moreda Blanco et al., 1993, lamina 1, n.ºs 2 e 4), em Zamora (Turina Gómez, 1994, p. 102, fig. 31, n.ºs 4 e 5) e Cadiz (Ruiz Gil, no prelo).

não ha citações que consigam adaptar a descrição de um vaso a qualquer forma conhecida, ou actualmente empregada.» (Correia, 1916, p. 249, 1937, p. 117)⁶.

Hoje, a investigação arqueológica portuguesa, já começou a divulgar, apesar de timidamente, alguns resultados relativos a esta temática. Dê-se como exemplo, por apresentarem cronologia muito precisa, os 29 exemplares - dos quais 15 taças - do convento de Santa Clara, Moura, vasilhame que «com funções que permanecem desconhecidas» (Rego e Macias, 1993, p. 148) apresentam elementos decorativos muito variados. Neste inventário inclui-se uma escudela, também datada do século XVII, cuja superfície interna é decorada «com incisões losangulares em cujos vértices estão incrustados grãos quartzíticos» (Rego e Macias, 1993, p. 155).

Por outro lado, e não obstante a morfologia e funções diversas destes sete exemplares, verificam-se algumas características comuns, de que são exemplo o acabamento com engobe (figs. 1 a 7; figs. 2 e 5, na superfície interna) ou com brunido (figs. 2 e 5) e a feitura cuidada e pasta depurada.

Quanto à decoração é possível observar a incrustação feita à base de pequenos fragmentos de quartzo branco, assim como a sua conjugação aos motivos incisos.

As áreas incrustadas figuram na superfície externa (cat. 1, 4, 6 e 7) ou superfície interna (cat. 2, 3 e 5), com uma gama diversa de motivos, desde fiadas horizontais (cat. 1, 3 e 6), verticais (cat. 1 e 3), triângulos (cat. 1, 5 e 7), circunferências (cat. 1, 2, 3 e 7), quadrados (cat. 4) e fracções de motivos não identificados (fig. 5), elementos que já indiciam uma variedade e riqueza de temas.

Os motivos incisos são constituídos por reticulados, circunferências, triângulos e elementos foliáceos. Tudo isto, associado a outras técnicas decorativas como as amolgadelas e relevos acrescentados enriquecem as tipologias das formas e decoração dos objectos cerâmicos, pelo menos, do século XVII.

Relativamente à técnica decorativa do empedrado, recorde-se, mais uma vez, Virgílio Correia que dizia que «o costume de empedrar com fragmentos de quartzo ou pedacinhos de mármore o interior e exterior das vasilhas de regalo, conserva certa vitalidade em Estremoz, mas esteve generalizado por todo o Alentejo e mesmo em Lisboa teve vida desafogada nos séculos XVI e XVII» (Correia, 1916, p. 250, 1937, p. 116; Carneiro, 1989, p. 21, nota 6).

Também as referências literárias dos séculos XVI e XVII, relativas a excertos narrativos de autores portugueses, compiladas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Eugénio Lapa Carneiro (Vasconcelos, 1921, p. 19, 21, 22, 25 e 26) (Carneiro, 1989, p. 9-11) informam-nos acerca das sensações visuais e sabor ao beber-se, por exemplo, por um púcaro, assim como da composição decorativa do vasilhame incrustado deste período.

⁶ V. Correia numa publicação de 1937 altera ligeiramente o texto nos seguintes termos: «... adaptar *rigorosamente* a descrição ...», que não deixa de ser significativo sobre a consciência que entretanto adquirira acerca da ocorrência de sugestão para a datação deste tipo de peças.

Assim, dos quinze exemplares incrustados portugueses já publicados, pode concluir-se que se verifica uma riqueza decorativa, um certo cuidado na colocação dos pequenos fragmentos de quartzo, bem como uma correlação com os elementos incisos, relevos acrescentados, «escamas» e amolgadelas, motivos que ornavam exuberantemente os púcaros, os pucarinhos, as talhas, etc. da época de Quinhentos e Seiscentos.

Lisboa, Janeiro de 1997

Bibliografia

- ALMEIDA, F. de (1912) - *História da Igreja em Portugal*. Coimbra: Imprensa Académica. t. III, pt. I.
- AMARO, C. (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.
- ARAÚJO, N. (1939) - *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. livro IV.
- BAART, J. M. (1992) - *Terra sigillata from Estremoz, Portugal*. Gainster, D.; REDKNAP, M., eds. lts. - *Everyday and exotic Pottery from Europe c. 650-1900. Studies in honour of John G. Hurst*. Oxford: Oxbo V Books. p. 273-278.
- CARNEIRO, E. L. (1989) - *Empedrado: técnica de decoração cerâmica*. Barcelos: Museu de Olaria.
- CASTRO, J. B. de (1763) - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa. t. III, pt. V.
- CORREIA, V. (1916) - *Ornamentação popular da louça de Estremoz*. «Atlantida». Lisboa. A. I, 3, p. 244-255.
- CORREIA, V. (1937) - *Ornamentação popular dos barros de Estremoz*. In «Etnografia Artística Portuguesa». Barcelos. p. 107-122.
- FERREIRA, M. A. (1995) - *O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa*. In
- «1.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo». Tondela: Câmara Municipal. p. 151-161.
- JOSEFA de Óbidos e o tempo Barroco (1991). Lisboa: IPPC.
- HOSPITAL Real de Todos-os-Santos, séculos XV a XVIII (1993). Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro.
- MACIAS, S. (1994) - *Escavações arqueológicas no castelo de Moura. Primeiros resultados*. In «Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana». Huelva, p. 673-705.
- MOITA, I. (1964) - *Hospital Real de Todos-os-Santos*. I. «Revista Municipal». Lisboa. A. XXV, 101/102, p. 76-100.
- MOITA, I. (1965) - *Hospital Real de Todos-os-Santos*. II. «Revista Municipal». Lisboa. A. XXVI, 104/105, p. 25-103.
- MOITA, I. (1965) - *Hospital Real de Todos-os-Santos*. III. «Revista Municipal». Lisboa. A. XXVI, 106/107, p. 9-57.
- MOITA, I. (1966) - *Hospital Real de Todos-os-Santos*. IV. «Revista Municipal». Lisboa. A. XXVII, 108/109, p. 7-55.
- MOITA, I. (1994) - *O Hospital Real de Todos-os-Santos*. In «Lisboa Subterrânea». Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 118-125.
- MOREDA BLANCO, J., MARTIN MONTES, M. A.; FERNANDEZ NANCLARES, A. (1993) - *Un*

tipo cerâmico original: la cerámica bucarina de «tipo orfebre» del yacimiento de San Benito el Real. Valladolid. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología». Valladolid. T. LIX, p. 229-257.

PARVAUX, S. (1968) - *La Céramique populaire du Haut-Alentejo*. Paris: Presses Universitaires de France.

REGO, M.; MACIAS, S. - (1993) - *Cerâmicas do século XVII do Convento de Santa Clara (Moura)*. «Arqueologia Medieval». Porto. 3, p. 147-159.

RIBEIRO, M. (1984) - *Olaria de uso doméstico na arquitectura conventual do século XVI*. Montemor: Grupo de Amigos. (Cadernos de Etnologia; 1).

RUIZ GIL, J. A. (no prelo) - *Cerâmicas portuguesas de la Edad Moderna en la bahía de Cádiz*.

SARDINHA, O. (no prelo) - *Notícia sobre as peças pedradas do galeão San Diego (1600)*.

In «Actas do colóquio de História de cerâmica portuguesa moderna». Caldas da Rainha.

TORRES, C. (1985) - *A cintura industrial de Lisboa de quatrocentos. Uma abordagem arqueológica*. In «1383-1385 e a crise geral dos séculos XIV/XV: Jornadas de História Medieval». Lisboa. p. 293-296. (História e Crítica).

TURINA GÓMEZ, A. (1994) - *Cerâmica medieval y moderna de Zamora*. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo. (Arqueología en Castilla y León; 1).

VASCONCELOS, C. M. de (1921) - *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VASCONCELOS, J. L. de (1915) - *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEECKMAN, J. (1994) - *Iberian unglazed pottery from Antwerp (Belgium)*. «Medieval Ceramics». London. 18, p. 9-18.